

1

A Noite das Grilhetas ocorre uma vez por semana, às quintas-feiras. Uma vez por semana tem lugar o momento decisivo para sessenta mulheres. Para algumas esse momento decisivo está sempre a repetir-se. Para essas é algo de rotineiro. Comigo só aconteceu uma vez. Fui acordada às duas da manhã, algemada e contada, Romy Leslie Hall, reclusa W314159, e alinhada com as outras para uma longa viagem noturna vale acima.

Enquanto o nosso autocarro deixava o perímetro da penitenciária, eu coleí-me à janela reforçada a malha de aço para tentar ver o mundo. Não havia muito que ver, túneis e acessos de autoestrada, avenidas escuras e desertas. Não havia ninguém na rua. Atravessávamos um momento da noite tão remoto que os semáforos tinham deixado de passar do verde ao vermelho e se limitavam a piscar no amarelo. Um carro aproximou-se de nós. Vinha com os faróis desligados. Passou rapidamente pelo nosso autocarro, uma coisa escura, carregada de energia demoníaca. Havia uma rapariga da minha unidade na prisão municipal que apanhou uma pena perpétua só por conduzir. Não tinha sido ela a disparar, dizia a quem a quisesse ouvir. Não tinha sido ela. Tudo o que fizera fora conduzir o carro. Só isso. A polícia usou uma tecnologia de leitura de matrículas. Apanharam-nos através de câmaras de vigilância. O que a polícia tinha era uma imagem do carro, de noite, a percorrer uma rua, primeiro com as luzes ligadas, depois sem luzes. Se o condutor desliga as luzes, é premeditação. Se o condutor desliga as luzes, é homicídio.

Havia um motivo, vários motivos, para eles nos estarem a transferir àquela hora. Se pudessem disparar-nos para a prisão numa cápsula espacial, tê-lo-iam feito. Fariam tudo para protegerem as pessoas normais de um espetáculo como nós, um grupo de mulheres algemadas e acorrentadas num autocarro do departamento policial.

Algumas das mais jovens choravam e fungavam enquanto metíamos pela autoestrada. Dentro duma jaula seguia uma rapariga que parecia grávida de oito meses, com a barriga tão grande que tinham tido de arranjar um troço de corrente maior para lhe algemarem as mãos dos lados. A rapariga soluçava e estremecia, o rosto desfigurado pelas lágrimas. Tinham-na colocado na jaula por causa da sua idade, para a protegerem de nós. Ela tinha quinze anos.

Uma mulher sentada na parte da frente virou-se para a rapariga em lágrimas na jaula e bufou como se estivesse a pulverizar mata-formigas. Como isso não teve resultado, gritou-lhe.

“Cala a boca!”

“Porra”, disse a pessoa que estava à minha frente. Eu sou de São Francisco, e portanto um transexual não é novidade para mim, mas aquela pessoa parecia mesmo um homem. Ombros tão largos como a coxia, e uma estreita barba ao longo da mandíbula. Presumi que viesse do “tanque das lésbicas”, onde eles punham as machonas. Era o Conan, que mais tarde vim a conhecer. “Porra, é só uma miúda. É deixá-la chorar.”

A mulher disse ao Conan para se calar e começou uma discussão entre elas, até que os guardas acabaram por intervir.

Na prisão, certas mulheres estabelecem regras para toda a gente, e a mulher que exigia silêncio era uma delas. Se seguirmos as suas regras, elas criam outras. Temos de guerrear com as outras, caso contrário acabamos sem nada.

Eu já tinha aprendido a não chorar. Dois anos antes, quando fui detida, chorara descontroladamente. A minha vida estava acabada e eu sabia-o. Era a minha primeira noite na cadeia, e continuava a esperar acordar daquilo como de um pesadelo. Mas continuava a acordar para o mesmo de sempre: um colchão a cheirar a mijo, portas a bater, alertas e gritos de lunática. A rapariga que partilhava a minha cela, e que não era lunática, abanou-me bruscamente para atrair a minha atenção. Eu ergui os olhos. Ela voltou-se e levantou a sua camisa de

prisioneiro para me mostrar a tatuagem nas costas, a sua marca de vadia. A tatuagem dizia:

Cala a Boca Caralho

Funcionou comigo. Parei de chorar.

Foi um gesto de simpatia por parte da minha companheira de cela. Quis ajudar-me. Não é qualquer um que pode calar-se, e embora tentasse, eu não era a minha colega de cela, que mais tarde vim a considerar uma espécie de santa. Não por causa da tatuagem, mas pela lealdade ao mandato. Que não tinha que ver com sacrifício ou estoicismo. Não tinha que ver com cumprir a nossa pena sem choro nem queixumes. Mas com manter a dignidade numa jaula. Mantê-la bem presa e dominada. Ser uma pessoa, independentemente de tudo. Ainda acredito nisto.



Os guardas tinham-me sentado ao lado de outra mulher branca no autocarro. A maioria das outras eram negras ou latinas. A minha companheira de banco tinha uma longa e brilhante cabeleira castanha e um sorriso largo e sinistro, como se estivesse num anúncio a pasta branqueadora. Pouca gente na prisão tem os dentes brancos, e aquela mulher não era exceção, mas tinha aquele sorriso, tão magnífico quanto descabido. Não gostei dele. Dava-lhe o ar de alguém a quem tivessem removido parte do cérebro. Ela disse-me o seu nome completo, Laura Lipp, e contou que estava a ser transferida de Chino para Stanville, como se nós as duas não tivéssemos nada a esconder. Desde então, nunca mais ninguém se me apresentou com o nome completo, nem procurou fazer uma descrição aparentemente credível de si própria num primeiro encontro. E ninguém o faria jamais, a começar por mim mesma.

“Lipp, com dois pés, é o nome do meu padrasto, que eu adotei mais tarde”, disse ela, como se eu lhe tivesse perguntado. Como se aquilo pudesse ter importância para mim, na altura ou alguma vez.

“O meu verdadeiro pai era um Culpepper. Refiro-me aos Culpeppers de Apple Valley, não os de Victorville. Há uma sapataria Culpepper em Victorville, mas não têm nada a ver connosco.”

É proibido falar no autocarro. Mas isso não a impedia.

“A minha família vive há três gerações em Apple Valley. Que pelo nome parece um sítio maravilhoso, não é? Quase se consegue cheirar as flores de macieira e ouvir as abelhas, e uma pessoa pensa em sidra fresca e tarte de maçã quente. Na Craft Cubby começam a pendurar as decorações de outono logo em julho, folhas coloridas e abóboras de plástico: o que há de mais tradicional em Apple Valley é a preparação de metanfetaminas. Não na minha família. Não quero que fiques com uma ideia errada. Os Culpeppers são pessoas capazes. O meu pai tinha uma empresa de construção civil. Ao contrário da família do meu marido, que — Oh! Olha! É a Magic Mountain!”

Estávamos a passar pelos arcos brancos de uma montanha-russa, que se erguia no ponto mais extremo da autoestrada de inúmeras faixas.

Quando me mudei para Los Angeles, três anos antes, aquele parque de diversões pareceu-me a porta de entrada para uma vida nova. Era a primeira coisa que se via da autoestrada na direção sul, colorida e feia e empolgante, mas isso já não tinha importância.

“Na minha unidade estava uma senhora que raptava crianças na Magic Mountain”, disse a Laura Lipp, “ela e o tarado do marido.”

Ela tinha um jeito de sacudir a chapa brilhante da sua cabeleira sem usar os braços, como se o cabelo estivesse preso ao resto do seu corpo por uma corrente elétrica.

“Ela contou-me como faziam. As pessoas confiavam nela e no marido porque eles eram velhotes. Sabes como é, velhotes simpáticos, e uma mãe podia ter os filhos a fugirem em três direções diferentes e correr para agarrar um, e a velhota — estive com ela na CIW¹ e ela contou-me tudo — estava sentada a fazer malha e oferecia-se para deitar o olho a uma das crianças. Assim que a mãe se afastava, a criança era escoltada até uma casa de banho, com uma faca encostada ao pescoço. A velhota e o marido tinham aperfeiçoado um método. Punham uma peruca na criança, vestiam-na com outras roupas, e depois levavam-na sorratamente para fora do parque.”

“Que horror”, disse eu, e tentei afastar-me dela tanto quanto as correntes mo permitiam.

Eu tenho um filho, chama-se Jackson.

Adoro o meu filho, mas é duro para mim pensar nele. Procuo não o fazer.

A minha mãe deu-me o nome de uma atriz alemã que disse a um assaltante de bancos, num programa de televisão, que gostava muito dele.

Muito, disse a atriz, gosto muito de si.

Tal como a atriz alemã, o assaltante estava no programa para ser entrevistado. Regra geral, os entrevistados não falavam entre eles quando estavam nas suas cadeiras, à esquerda da secretária do entrevistador. Iam avançando para esta à medida que o programa prosseguia.

Começas *de fora para dentro*, disse-me uma vez um palerma a respeito de talheres de prata. Não era algo que eu tivesse aprendido, ou que me tivessem ensinado. Ele estava a pagar-me para um encontro, e achou que não tiraria todo o partido da sua despesa se não conseguisse arranjar maneira de me rebaixar durante o serão. Ao deixar o seu quarto de hotel nessa noite, peguei num saco de compras que estava junto à porta. Ele não reparou, calculou que podia deixar a vigilância do rebaixamento para se refastelar naquela cama de hotel. O saco era da Saks Fifth Avenue e continha vários outros sacos, todos com presentes para uma mulher, para a esposa dele, presumi. Roupas feias e deselegantes, que eu jamais vestiria. Mesmo assim, atravessei o átrio com o saco e deitei-o num caixote do lixo a caminho do meu carro, que deixara estacionado a vários quarteirões, numa garagem em Mission, porque não queria que aquele tipo soubesse nada a meu respeito.

Na cadeira exterior, no estúdio de televisão, estava o assaltante de bancos, que viera ali para falar do seu passado, e a atriz de te-